

## No Meio do Caminho, na Estrada de Saragoça

(Vargas, José Ernesto de. – UFSC)

A inserção da minha fala neste simpósio se dará por intermédio de sua proposta, “Viagens intersemióticas”. Isto porque, a meu ver, a viagem é um tópico importante na obra de Carlos Drummond de Andrade. A despeito de a pessoa de Drummond ter tido uma vivência muito pequena no campo do turismo, visto que se pode contar nos dedos as viagens que realizou. Lembraria aquelas realizadas na infância para algumas cidades do estado do Rio de Janeiro; ao longo de sua vida para as cidades mineiras e para Buenos Aires. A porção autobiográfica de sua obra o comprova e ele mesmo afirma em registro de Geneton Moraes Neto no *Dossiê Drummond* (2002). “Não conheço a Europa. Nunca tive curiosidade. Só conheço Buenos Aires – e à minha maneira: mal, mal e porcamente. Quando eu estava lá, preferia ficar conversando com minha filha, no apartamento dela, muito simpático. Eu saía de vez em quando com meu genro, para conhecer um lugar ou outro, mas sem maiores pretensões”.

Entretanto, na obra de Drummond são muitas as viagens, muitos os caminhos e os caminhantes. Dos quais podemos citar o eterno Carlitos, de Chaplin, Dom Quixote e Sancho Pança, como veremos adiante, e o principal, o primeiro de todos, Carlos, o *gauche*. É na figura deste que vai se estabelecer a sina prenunciada pelo anjo torto, a sina de ser igualmente torto, errante, errado. E assim serão muitas as vezes em que encontraremos o poeta Carlos ou outras personagens criadas pelo poeta em trânsito, em viagem, “no meio do caminho”. Transitoriedade que nos alerta constantemente sobre a efemeridade da vida. Trânsito que nos permite ver a inquietação do poeta, ou inquietude como propõe Antonio Cândido (1979).

É o que se pode notar ao longo de seus quase cinquenta anos de labuta poética, de luta com as palavras. Em sua estadia nos dois estados citados acima e nas cidades referidas percebem-se claramente sentimentos ora de insatisfação, ora de aconchego e bem estar. De onde podemos refletir a sensação de pertencimento ao lugar ou não, a sensação de não-lugar que os locais podem lhe suscitar. No poema “Cidadezinha qualquer” (1987) o tédio toma conta de tudo e de todos e desagrada-o. O mesmo acontece em “Conclusão”, tudo é muito bom, muito cordato, a vida é “mais

redonda”, é “mais difícil”. Este não é o seu lugar. Em “A rua em mim”, o menino *gauche* pede ajuda a um “parente velho” porque se diz “desintegrado”, desintegrado daquela paisagem muito certinha, muito monótona e sempiterna, repleta de solteironas ávidas por casamento (“Vida vidinha”), de moços casadoiros, “disputados para ofício de marido” (“Sina”). Este certamente não é o lugar para alguém torto.

Por vezes, Minas e seus habitantes são marcados por sua incomunicabilidade, por suas almas de ferro, como em “Paredão”, onde a cidade é o próprio paredão e as pessoas ajudam a formá-lo; viver lá é ser prisioneiro eterno e, mesmo quando em fuga, não há possibilidade de escapar dela, porque sempre restará do outro lado a presença constante de outros paredões, “a pedra pesante toda a vida” de “Pedra natal”. Esta Minas de ferro, de incomunicações tampouco é o seu lugar, porque embora Carlos seja tímido, ele tem como grande preocupação a palavra, a linguagem, a comunicação. Essa(s) (M)minas de ferro está(ão) na(s) alma(s), mas não lhe agrada. Esse não é o seu lugar.

Por outro lado, existe ao mesmo tempo uma Minas-mãe: berço, proteção e acolhimento do menino-poeta/poeta-menino. Em cuja infância, o afastamento de casa gera medo na criança retirada do seio familiar para estudar em colégio interno. É o sentimento de encolhimento diante de um mundo tão imenso, mesmo que fechado do internato - “este infinito espaço ultrafechado” (“Terceiro dia”). É o sentimento de estranhamento para com a montanha que o menino não entende, para com este lugar que é o “vazio biográfico” (“A casa sem raiz”), que não tem a sua caneca. Tudo isso nos leva a pensar que Minas não é o lugar como o nosso *gauche* gostaria que fosse, é pequena demais, é tediosa demais, mas é o seu lar. Minas é o seu lugar. É lá que sua “história / era mais bonita que a de Robinson Crusóé” (“Infância”). É lá que, em boa parte, está a sua história: “Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói!” (“Confidência do itabirano”). Embora dolorosa, é a sua história.

Por sua vez, o Rio de Janeiro também não é o seu lugar. É uma cidade bonita, tem o mar, mas apresenta a crueldade e as mazelas dignas de uma metrópole, em que os repórteres nada perdem do calor da hora: marido matando mulher, ladrões arrombando cofre, polícia dissolvendo *meeting* (“Poemas do Jornal”), em que o Papai Noel rouba os brinquedos das crianças (“Papai Noel às avessas”). Carlos, adulto, vai experimentar o mesmo sentimento de desconforto diante de um mundo mais amplo ainda, o Rio de Janeiro (“Prece de mineiro no Rio”), do mesmo modo que experimentara o menino ao sair de casa rumo ao internato. Novamente ele vai preferir a

paz e a segurança de sua terra natal, “a paz do pico de Itabira”, “a paz de cima das Agulhas Negras”, “a paz de muito abaixo da mina mais funda e esboroada de Morro Velho”, “a paz da paz” (“Apelo aos meus dessemelhantes em favor da paz”). Esse não é o mundo que lhe agrada. Esse, certamente, não é o seu lugar.

Inversamente, há um Rio agradável, onde vivem “Os pacifistas” da Cinelândia, em que homens desprovidos de interesses, “não pleiteiam bens ou poderes / (...) não transportam a guerra n’alma, / não vendem ódio, não tocaiam”, apenas olham para as pombas e “remiram uma harmonia que perdemos”, homens com quem o poeta se identifica. O poeta é *gauche*, mas seu coração é maior que o mundo.

No que diz respeito ao tempo, encontramos da mesma forma descompassos, ao estilo de um *gauche*. Através do tempo, uma das principais matérias de Drummond, como ele próprio afirmara, pode-se perceber uma não-sintonia, um não-lugar. Se, por um lado, o presente é a sua matéria, por outro, este tempo não será motivo de muitas alegrias, nem de esperanças, antes pelo contrário, a Segunda Guerra mundial, a ascensão do nazismo e do fascismo, da guerra fria e a Bomba o levarão ao descontentamento “Este é tempo de partido, / tempo de homens partidos”, quando “melancolias, e espera”. O presente nem sempre é o seu tempo, não é o seu lugar, como pode ser visto em “Adeus ao colégio”: “Estou iluminado / por dentro, no passado, no futuro mais que longínquo / e meu presente é não estar no tempo”

O passado, por sua vez, é o tempo para o qual ele muito se volta. Através da memória, um dos elementos mais importantes em sua obra, ele revive o seu passado, a infância, a família, Itabira. Ou ainda, através de sua poesia, o passado da humanidade, o mundo clássico. Ou seja, Drummond não tem o seu tempo e lugar completamente no presente, que é hostil para o Homem. Conforme Affonso Romano de Sant’Anna (1972) este passado surge juntamente com a “descoberta do presente em Sentimento do Mundo” e inicialmente vem acompanhado de dor: “Itabira é apenas uma fotografia na parede / mas como dói”, porém, “a partir de Rosa do Povo essa dor já não punge de igual maneira. Dir-se-ia que há mesmo um prazer e uma volta metódica ao passado”. É a “reconquista do “paraíso perdido”” que “obedece a um impulso para alargar sua vida compensando o que a morte lhe toma cada dia” (SANT’ANNA, 1972). Com essas constatações, pode-se dizer que, se em verdade, o passado não é o seu tempo, não é o seu lugar, porque impossível viver no passado, a momentânea “reconquista do paraíso perdido” acaba por fazer reavivá-lo e assim o *gauche* vence temporariamente o Tempo e

a Morte, pois é ele quem constrói um monumento mais perene que o bronze, é ele quem supera a morte e repete e eterniza e se eterniza por meio da arte.

Por conta do destino torto, oblíquo, transversal prenunciado pelo anjo podemos pensar que o lugar e o tempo de Drummond são no entremeio, de onde provém a já referida metáfora da viagem e do caminho, dos viajantes e viandantes em sua obra. Metáfora que retoma e reitera a tradição ocidental da viagem e nela a possibilidade de alumbramento, ou revelação divina do segredo vida-morte presente em toda poesia clássica na Europa e no Ocidente. Basta lembrar as viagens de Ulisses, vindo da guerra de Tróia rumo a Ítaca, de Enéias, saído de Tróia rumo à Itália, seu exílio, de Dante a circular pelos reinos da morte e a navegação de Vasco da Gama. Em Drummond, a mais importante manifestação está em “A máquina do mundo”, quando uma máquina, tal qual a de Vasco da Gama, em *Os Lusíadas*, se oferece disposta a revelar os segredos do mundo ao viandante mineiro “a máquina do mundo se entreabriu”, (...) // Abriu-se em calma pura, e convidando (...) a todos, em coorte, / a se aplicarem sobre o pasto inédito /da natureza mítica das coisas”.

Nos versos de “Viagem na família”, o eu-lírico viaja até Itabira, mas não de verdade. Ele volta ao passado familiar de forma nebulosa, onírica possivelmente. Em algumas passagens vem-nos à lembrança a jornada de Enéias pelo Averno. Existem coisas em comum entre os dois textos. Primeiramente, o acesso dos vivos ao mundo dos mortos só é feito a convite: Enéias tem em Sibila a sua anfitriã a guiá-lo pelo reino de Prosérpina; o poeta *gauche* é levado pela sombra do pai através do “reino perdido”. O troiano visita os infernos a fim de encontrar, pela derradeira vez, o pai Anquises. Por seu intermédio ele vê o futuro, as almas de nobre linhagem, descendentes do filho de Vênus, raiz da grandeza de Roma. Antes de se separarem em definitivo, ele tenta em vão abraçar o pai, agarrando apenas vapor. Em Drummond, o poeta é conduzido pelo pai e convidado a rever Itabira deserta, os “mortos amontoados”, “as casas em ruínas”, o baú da memória. Mas é convidado principalmente a ter com o pai e resolver com ele as mágoas, os remorsos, a sua separação, a sua incomunicação e com isso sentir que estava perdoado. Por fim, Enéias bebe água do Letes, o rio cujo líquido possui a propriedade do esquecimento e volta ao mundo dos vivos para completar a sua missão, se estabelecer na Itália, lançar novas raízes troianas. O itabirano, após um amplexo translúcido, volta à realidade pelo calor pungente do amor, a correr em suas veias-rios, até as águas sanguíneas encobrirem tudo.

Como último exemplo, aponto para “Quixote e Sancho, de Portinari”. Um longo poema composto por vinte um quadros, e o termo é apropriado, porque é uma leitura, um olhar do poeta para algumas pinturas de Cândido Portinari que homenageiam a obra de Cervantes. São cenas variadas expostas de formas distintas. A primeira é expressa sob a forma de soneto. Há diálogos entre Quixote e Sancho, bastante teatrais, talvez até cinematográficos, com direito à presença de um narrador a separar o delírio da realidade.

O quinto quadro, intitulado “Um em quatro”, de forte apelo visual, como pode ser visto a seguir, dialoga com a arte do pintor paulista e nos apresenta Dom Quixote e Sancho Pança em viagem.

V- Um em quatro

A		Z
b		y
	A & b	Z & y
	A b	y Z
	A B Y Z	

quadrigeminados  
quadrimembra jornada  
quadripartito anelo  
quadriivalente busca  
unificado anseio

um cavaleiro um cavalo um jumento um escudeiro.

Na primeira parte do texto, irrompem as letras capitais A e Z, dispostas em extremidades opostas da primeira linha-verso. Essas letras apresentam valor matemático, “A” é igual a Dom Quixote, “B” é igual a Sancho Pança. Assim como A está distante de Z no alfabeto, assim é a distância econômica e social de Dom e de Pança. Da mesma forma, na segunda linha, as letras minúsculas b e y representam as montarias, o rocinante de Quixote e o jumento de Sancho, igualmente separados pela hierarquia econômico-social lançada agora ao reino animal. No terceiro momento, faz-se o encontro dos devidos pares, faz-se a cavalgada, para que depois, durante a viagem, tornem-se um só, em cada par hierárquico. É o que acontece na quinta e última seqüência, os quatro viajantes se tornam um único corpo. Por fim, na segunda parte do poema o autor reconstrói a mesma idéia-imagem em palavras, mais precisamente em

sintagmas nominais, em fragmentos a serem novamente montados, a partir do último dado matemático-visual, os “quadrigeminados” personagens, viajam não mais separados, hierárquico-econômico e socialmente, antes lado a lado, dividindo os mesmos sonhos e a mesma loucura.

Caminhando para o final, eu diria que a viagem marca, sobretudo, a oposição ao estar-no-mundo, ao situar-se, à tranquilidade, à paz e ao conforto de quem se encontra estabelecido. É antes a aventura, a insegurança, e a incerteza de quem está fora do seu lugar, de quem erra pelo mundo, pela vida, de quem é estranho, estrangeiro ou exilado.

Em Drummond é possível vislumbrar a condição do estranho, do ambivalente proposta por Zygmunt Bauman (1999). Segundo este, “o estranho é um membro (talvez o principal, o arquétipo) da família dos indefiníveis – essas unidades desconcertantes mas ubíquas que, de novo nas palavras de Derrida, “não podem mais ser incluídas na oposição filosófica (binária), resistindo-lhe e desorganizando-a, sem jamais, constituir um terceiro termo, sem sequer dar espaço para uma solução sob a forma de dialética especulativa””. Este é o lugar em que devemos encontrar Drummond e os poetas em geral. Pois ele é um homem-poeta/poeta-homem que é de Itabira e de Minas e, ao mesmo tempo não é. É do Rio e não é. O tempo presente é a sua matéria, mas também não é. Reconquista o passado, mas este, por questão de seqüência histórica e temporal, não é o seu tempo. Drummond é ubíquo. Situa-se no presente e no passado. Está em Itabira, em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro. Na fazenda, nas casas da família, nas ruas das cidades por onde passou e por onde nunca andou (Paris, Stalingrado), nas serras mineiras, junto ao mar e à lagoa carioca. No meio do caminho, numa estrada de Saragoça, ou palmilhando “vagamente / uma estrada de Minas”, Drummond é antes de tudo poeta. É *gauche*. De um jeito torto, construiu o seu mundo, o seu lugar no mundo, a sua lírica, sua obra e sua vida. Entre o lugar e o não-lugar, entre os diferentes tempos, ele se posiciona no poema. Seu lugar é a poesia.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião: 19 livros de poesia*. 3.ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. V. 1 e 2.

BAUMAN, Zygmunt. “A construção social da ambivalência”. In: \_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p.64.

CÂNDIDO, Antonio. “Inquietudes na poesia de Drummond”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SANT’ANNA, Afonso Romano de. *Drummond, o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Lia/INL, 1972, p.97-8.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê Drummond*. São Paulo: Globo, 2002, p. 186.

**Obs.: Todos os poemas de Drummond, citados aqui, constam de *Nova Reunião*.**

### **Breve Currículo**

José Ernesto de Vargas é professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal de Santa Catarina. É Vice-Coordenador do NELOOL (Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidade e Outras Linguagens) onde atua junto ao grupo de *performance* CORPO DE LETRA e desenvolve pesquisa sobre o teatro romano e sua teatralidade e a lírica clássica como uma das genealogias da poesia brasileira. Recentemente defendeu tese de doutoramento em Literatura, sob o título *De Horácio a Drummond, o tempo dispara; De Drummond a Horácio, o tempo repara*.